

A REGENERAÇÃO

Semanario defensor dos interesses dos concelhos do norte do distrito de Leiria

Composição e impressão

TIPOGRAFIA FIGUEIROENSE

Sede em Figueiró dos Vinhos

DIRECTOR E EDITOR:

Doutor Manuel Simões Barreiros

Propriedade e Administração

Empresa A REGENERAÇÃO

FIGUEIRO DOS VINHOS

A Igreja Matriz de Figueiró dos Vinhos

Pelo decreto 8331, de 4 de Agosto de 1922, foi a igreja matriz de Figueiró dos Vinhos incluída na lista dos Monumentos Nacionais.

Esta inclusão, realizada ao mesmo tempo que a da paróquia de Pedrógão Grande, era absolutamente justificada, por tratar-se de monumentos de grande categoria e certas afinidades estilísticas, com que o brilhante século de Quinhentos ennobrecerá duas terras, que às épocas manuelina e joanina deveram o rejuvenescimento dos seus pergaminhos e o engrandecimento da sua área urbana.

As duas vilas deixam ainda perceber, sob os novos arruamentos e as fachadas modernizadas, os vestígios das construções que as riquezas de África e do Oriente permitiram levantar, aos soldados, aos comerciantes e aos marinheiros que destas risonhas paragens se deslocaram por conta própria ou por subordinação às Ordens, até às costas de Marrocos e ao litoral índico.

Mas o mais flagrante testemunho da capacidade e importância das duas povoações no século XVI, encontramos-o ainda nas suas magnificas igrejas.

Em boa verdade o templo de Figueiró é superior ao de Pedrógão, encarado na sua estrutura, pela amplitude e perfeição dos membros arquitectónicos!

As altas colunas que separam as naves e os tramos, são de magnífica proporção, de boa Renascença joanina, revelando-se a Igreja em conjunto um exemplar progressivo, estilisticamente considerado, mas de feição tradicional, pela conservação das coberturas de madeira e pelo dispositivo dos tectos. E', traduzida em linguagem do

Renascimento, a grande construção mediévia desprovida de abóbada. Não se empregou no templo a abóbada sobre nervuras, gótica ou manuelina, mas não a cobriram de berços apainelados, à moda italiana, que só eram empregados ainda em edificios de pequeno porte.

Mas não é apenas pelo remanescente da obra quinhentista que a igreja de Figueiró se notabiliza. O contributo moderno realça o valor do arquitecto.

Assim, os azulejos da capela-mór, datados de 1715 podem, sem favor, ser olhados como dos mais valiosos entre os existentes na Província da Beira Litoral, pelo esmalte e colorido. São obra das olarias de Lisboa, e documentam uma fase notável da faiança de revestimento, na altura em que ela marcha para o apogeu industrial, na época de D. João V.

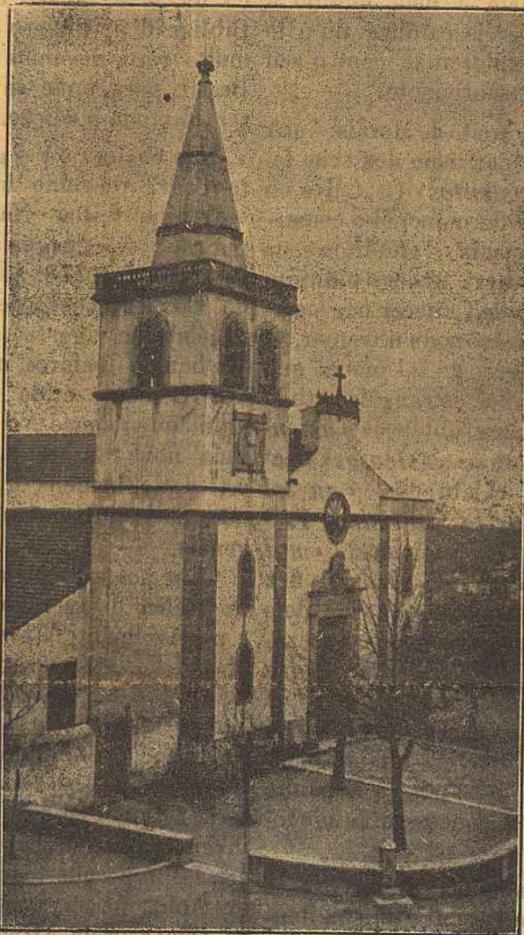
E as esculturas e pinturas de autores contemporâneos naturais da região, — imagens de Simões de Almeida, emérito modelador, e telas do insigne Malhoa —, ampliam harmoniosamente o recheio arcaico do templo.

Sob este ponto de vista, Figueiró dos Vinhos pode mesmo ser apontada como exemplo de que a arte dos nossos tempos, quando aplicada sensata e equilibradamente, não prejudica o ambiente religioso e histórico dos velhos monumentos que devemos à devoção e sentimento artístico dos antepassados...

VERGILIO CORREIA

(Do Diário de Coimbra)

Este jornal foi visado pela Comissão de Censura



Igreja Matriz de Figueiró dos Vinhos

Dr. Juiz de Direito

Já se encontra à frente do nosso tribunal o sr. dr. Hermanno Temudo Machado, illustre magistrado da nossa Comarca.

Dr. Eduardo Caetano Nunes

De visita a sua familia encontra-se nesta vila o sr. dr. Eduardo Caetano Nunes, digno notário em Lisboa.

Artur Agria

A continuar os seus estudos de engenharia seguiu para a Alemanha o sr. Artur Agria, filho do sr. dr. Artur Nunes Agria, industrial e proprietário nesta vila.

Hora normal

Hoje, às 24 horas, deve entrar-se, de novo, na hora normal, sendo os relógios atrasados 60 minutos.

Clinica dentária

Desde hoje, começará novamente a vir a esta vila, todos os sábados, em serviço de sua profissão de dentista, o nosso amigo sr. António Martins Nunes.

Veja o nosso anúncio "A Regeneração,"

Dr. José Saüdade e Silva

Tivemos o prazer de cumprimentar nesta vila o Sr. Dr. José Saüdade e Silva, illustre deputado da Nação.

Graça alheia

Os guarda-fios levantavam a linha telegráfica de Pombal, por desnecessária, visto que as linhas telefónicas a podem substituir, no tróço ao Barreiro.

Sucedeu que, ao desarticular o fio dum dos lados, este foi cair sobre dois condutores da rede eléctrica de iluminação pública, cuja energia se encontrava, nesse momento, interceptada.

Alguém, que estava próximo e viu o perigo que daí podia advir, disse para um dos guarda-fios:

— Então você não ia agora para os anjinhos se a corrente eléctrica estivesse aberta!

— Morrer?! Quem é que ia nisso? — retorquiu imediatamente o guarda-fio. E depois explica: então você não sabe que eu trago comigo documentos que nos põem a coberto de perigos desta natureza?

O outro, voltando à carga, remata com graça:

— E' verdade que o morrer, a si, pouca diferença lhe havia de fazer. Você continuava a ganhar!...

FACTOS & NOTÍCIAS

Director Geral dos E. e M. Nacionais

O sr. Engenheiro Gomes da Silva, Director Geral do Edifícios e Monumentos Nacionais, esteve nesta vila, a fim de ver as obras de que necessita a nossa Igreja, tendo retirado com destino a Pedrógão e Castanheira de Pera, na passada semana. O sr. Engenheiro Gomes da Silva vinha acompanhado do sr. Baltazar de Castro, Director dos Monumentos Nacionais.

O nosso Jornal

Temos notado que alguns dos nossos estimados assinantes estranharam e não levaram a bem o facto de termos elevado os preços de assinatura.

Devemos dizer, de nossa justiça, que há muito vinhamos sentindo aquela necessidade, mas na esperança de que o estado económico geral melhorasse, sustentávamos o preço de assinatura e sem desejo de o elevar. Porém, em relação a 1926, dificuldades de vária ordem nos têm surgido. Estamos comprando o papel 90 por cento mais caro e ainda encargos doutra natureza se têm elevado consideravelmente o que não enumeramos por isso se tornar fastidioso. Por estes motivos fomos forçados a fazer novos preços de assinatura desde o n.º 458. Contamos, pois, que os nossos queridos assinantes continuem a honrar-nos com a sua assinatura porque, como se tem verificado, este nosso jornal, sem desfalecimento, há 14 anos que vem pugnando com firmeza pelo progresso do nosso concelho e ainda dos outros concelhos do norte do Distrito.

Dr. Ribeiro Ferreira

Depois de ter passado alguns dias em Alvaiázere, retirou para Lisboa o sr. dr. Manuel Ribeiro Ferreira, illustre deputado e nosso prezado amigo.

Capitão Silva Mendes

De visita ao nosso director sr. dr. Simões Barreiros, estiveram nesta vila na próxima passada quarta feira, os nossos estimados amigos e srs. Capitão José Rodrigues da Silva Mendes, illustre Governador Civil da Horta, Padre José Ferreira de Lacerda, illustre director do nosso Colega o "Mensageiro" e Manuel Leal Júnior, funcionário superior dos Correios em Coimbra.

Depois de almoçar retiraram à tarde para Leiria.

Portugal e a Escravatura

O tráfico da escravatura perde-se na noite dos tempos e não há neste planeta quem não tenha a sua culpa em tão execrável negócio; mas nós, portugueses, somos geralmente acusados de seus inventores, algumas vezes por ignorância e muitas outras por má fé. Ninguém tem dúvida de que Portugal não é pré-histórico mas parece haver quem desconheça as culminâncias a que chegou a República Romana como mercado de escravos. O Génesis, primeiro dos livros bíblicos, XVII, 27, diz: — «E todos os homens da sua casa, o nascido em casa, e o comprado por dinheiro do estrangeiro, foram circundados com ele.» Remontamos assim a época anterior à civilização greco-romana e lá encontramos o homem comprado pelo homem. Vê-se, ao menos, não sermos os primeiros reus do crime que nos imputam.

Repugnante comércio é ele perante o conceito do presente estado social. Todavia, na antiguidade, até Catão, o ainda hoje símbolo de honestidade, comprava crianças para criar, engordar e vender.

A história da escravidão interessa-nos, porém, directamente do XVI século em diante, quando se inicia a colonização da América. Podemos ser acusados de primazia do tráfico da escravidão mas da escravidão negra com destino americano. Deve ser uma acusação merecida e tudo indica que sim. Tínhamos falta de braços na metrópole, para onde pretendíamos canalizar as riquezas encontradas, visto não ser a dilatação da fé o unico motivo das descobertas. Só havia um recurso: — ensinar os aborígenes a trabalhar, forçando-os, já se vê, porque, se não conheciam necessidades, não precisavam também conhecer o trabalho. A'quele tempo eramos já possuidores da Africa e como os jesuitas combatassem a escravidão ameríndia e aconselhassem a escravidão negra, proceder que serviu talvez de pretexto para as nunca provadas acusações de simonia e mercantilismo, desenvolveu-se a colonização do Brasil com elementos africanos. Somos ainda hoje anatematizados devido à mancha racial que escurece a terra de Santa Cruz. Não alijamos a responsabilidade mas queremos também os louvores. Sem a colaboração do negro o Brasil não teria o desenvolvimento actual. Isto é inegável e atesta o o progresso agrícola desde logo experimentado. Que outro elemento poderia fornecer trabalho braçal àquele ter-

ritório vasto, tórrido e insalubre?

Portugal dispondo apenas de um milhão de habitantes e de fantásticos domínios, decerto não. Dir-se-á ainda termos assim procedido levados pela avidez do lucro proporcionado pela compra e venda de negros. F' verdade; mas era este o espírito da época, e a ele não fugiu nenhum dos países que tinham colónias, alguns que as não tinham e nem mesmo a própria igreja católica, ou pelo menos explorou-se com o seu tácito consentimento.

Diz Evaristo de Moraes: — «A Espanha por meio dos seus famosos «asientos» (tratados ou contratos de monopólio comercial) concedia a subditos seus ou de outras nações o direito exclusivo de fornecer negros às suas possessões do ultramar. O negócio era de tal monta que os soberanos estrangeiros tudo faziam para obter os «asientos». Eram os «asientos» beatamente celebrados «en el nombre de la Santísima Trinidad» pela magestade «muita catolica» de Espanha. Em dez contratos e no prazo de dois séculos pagaram os emprezários à Espanha «cinquenta milhões de libras». Vê-se que todos colonizaram levados pela ideia de lucro e a quanto montou este lucro para a Espanha só com a concessão de monopólios.

A incoerência entre os padres e a doce candura da sua doutrina foi flagrante e João Ribeiro diz-nos: — «mais de um clérigo se fez arauto da escravidão dos negros africanos e houve quem sustentasse que na religião de Jesus não havia palavra decisiva contra tal instituto!»

Em Luanda os rebanhos de escravos negros eram abençoados pelo bispo no acto do embarque. Nada disto é estranha. Vel se nos lembrarmos que o tráfico da escravidão havia sido sancionado pelo Papa Nicolau V, Thomaz Parentucelli, antes mesmo da necessidade posteriormente verificada da colonização da América, que ao tempo ainda não havia sido descoberta. Mas a medalha teve reverso: — a classe sacerdotal pode orgulhar-se do protesto do Padre Manuel Ribeiro da Rocha, formado em canones na Universidade de Coimbra, que na Baía, no dizer de Cândido Mendes «o foco mais incandescente da escravidão», teve o formidável arrôj de clamor contra o tráfico africano em 1758, com a sua obra verdadeiramente apostólica «Etiope resgatado, empenhado, sustentado, corrigido, instruido e libertado, cuja citação deve-

mos a Evaristo de Moraes e cuja leitura nos foi proporcionada por empréstimo do sauloso bibliografo e grande amigo de Portugal que se chamou Solidonio Leite.

Em vão nos temos esforçado por encontrar em qualquer das bibliotecas nacionais um volume desta obra, a-fim-de tornarmos publicas algumas transcrições reveladoras de coragem e de humanidade. Inocencio Francisco da Silva, no seu Dicionário Bibliográfico, diz ser este livro muito raro, devendo existir no Brasil, para onde se supõe, e ter ido toda a edição.

Não se diga ter o gesto deste padre recebido influxo de outros protestos. Não teve. A petição dos negociantes de Bristol é de 1778. As reflexões de Condorcet são de 1781. E o célebre e vigoroso ataque de William Wilberforce, na Câmara dos Comuns, é de 1787. E' aqui que começa o raiar de uma nova aurora para os direitos de homens que até ali não haviam passado de coisas venais.

Cabe-nos a responsabilidade no tráfico da escravidão negra e possivelmente a precedencia. Mas devemos pensar com Oliveira Martins: — «Não nos devemos afligir com a acusação de termos inventado o odioso tráfico; sem ele o Brasil não se teria tornado no que vemos; se inventamos, a descoberta pareceu faliz, porque todos a nosso exemplo, foram buscar negros ao armazem da Africa para lavrarem as suas terras americanas.»

E abstraindo da vantagem propriamente braçal, houve inconvenientes para o Brasil com a colonização negra? Não. O pigmento escuro no Brasil tende ao desaparecimento graças às inatas qualidades amalgamas do português e seus descendentes; e moralmente têm o negro qualidades apreciáveis que não-de influir banêficamente na índole da futura raça brasileira. O negro não é ali problema difficil sob ponto de vista algum, ao contrário do que acontece nos Estados Unidos, onde os seus 14 milhões de negros e a ojeriza que, o Yankee lhes vota oferecem aquêlê país o seu caso mais sério e de mais difficil solução.

M. C.

Joaquim J. Fernandes

Médico Municipal

Clínica geral
Doenças das crianças

Figueiró dos Vinhos

Correspondências

Chinguar 19 de d'Agosto de 1938

Notícia

O povo de Benguela e a Câmara Municipal, nomeou sua Excelência o Venerando Chefe do Estado, General António Oscar de Fragoço Carmona cidadãos de Benguela. Associação Comercial de Benguela em Assembleia Geral extraordinária de 9 do corrente, proclamou seu sócio honorário e seu presidente de honra sua Excelência o senhor António Oscar de Fragoço Carmona. O pavilhão da provincia de Benguela na exposição—feira foi visitada pelo venerando Chefe do Estado e Ministro das Colónias.

Vão decorridos 290 anos, mas tão viva anda na memória da gente de Angola esta data gloriosa que rememorar o efeito de Salvador Correia de Sá e Benevides e dos novecentos portugueses valorosas que desbarataram holandeses e indigeras em número superior a três mil, é prestar homenagem a esses bravos de Mossangano, Bruxiana e de Loanda, que heroicamente, se bateram pela reconquista desta terra, até o sacrificio máximo de sua vida. Merecida justiça acaba de ser feita à memória desses heroicos portugueses, por sua Excelência o Presidente da República, condecorando em nome da Pátria, com a Torre e Espada—do valor lealdade e mérito os estandartes da cidade de Loanda e das vilas de Mossangano e Muxina, onde os nossos mais se bateram contra o usurpador.

No dia 17 do corrente retirou sua Excelência o Presidente da República e ministro das Colónias embarcando no Angola para Lisboa.

A. C. A.

Chinguar, 18 de Agosto de 1938

Grandes e tradicionais festejos

No dia 15 d'Agosto dia da N. Senhora da Assunção, padroeira desta vila, realizaram-se festejos religiosos, sendo celebrante a missa o Reverendo Soares e houve comunhão.

Nos dias 13, 14 e 15 houve Kermesse e barracas de jogos, de bebidas e comidas, que tiveram bastante concorrência.

Da Bela Vista, vieram 15 camionetes e carros cheios de gente e também vieram alguns carros do Sepe.

Dia 14 houve desafio de Foot—Baal entre os grupos escolares do Chinguar e da Bela Vista em que se disputou uma estatuetta, que foi ganha pelo da Bela Vista.

No mesmo dia ouve 2.º desafio entre o grupo de Chinguar e Bela Vista, ganhando o grupo do Chinguar por 1—0, houve ainda Récita de Gala, no Teatro da Associação Beneficente e Recreativa do Chinguar indo à cena em um acto, «Maria da Praça», (comédia) pelas meninas Arminda Gouveia, Ema Celado, Julieta Silva, Alzira Almeida e Maria José Vale, desempenhando-se muito bem dos seus papeis.

A seguir, «A Costureirinha e o Ganso» por um grupo de Senhorinhas. 2.º acto «As manas Pires», (comédia) desempenhada pelas senhorinhas Ema Celado, Alda Silva, Herminia do Vale, Arminda Gouveia e senhor Francisco Coelho, sendo muito aplaudidos. 3.º acto, «Meio tostãozinho para o Sento Amaro»... Canção... por um grupo de senhorinhas.

Espinafre e o Rabanete (comédia)

EDITAL Regimento de Infantaria n.º 7 Convocação

Concelho de Figueiró dos Vinhos
Freguesia de Figueiró dos Vinhos

Em cumprimento da ordem do Ministério da Guerra, são convocadas para um período de instrução as praças deste regimento, na situação de disponibilidade, residentes na freguesia e concelho acima indicados, e as autorizadas a residir noutros concelhos, que se **encontraram no ano de 1935 e pertencem à classe de 1935**, devendo apresentar-se no Quartel do Regimento de Infantaria N.º 7, em **Leiria**, até às 21,00 horas do dia 16 de Outubro de 1938.

Todas as praças devem apresentar os artigos de fardamento que levaram quando passaram à disponibilidade, e bem assim as suas cadernetas militares.

As praças residentes em localidades servidas por Caminho de Ferro, situadas a mais de 25 quilómetros da sede do Regimento, devem solicitar na Câmara Municipal do seu Concelho, as requisições de transporte e guias de marcha.

A contagem da ausência ilegítima para constituir deserção, faz-se a partir das 21,00 horas contadas da data marcada para a respectiva apresentação.

As praças devem justificar todos os dias de ausência ilegítima a fim de não serem punidas; e nos termos do artigo 165.º do código de Justiça Militar, são consideradas desertoras as que constituirem ausência ilegítima necessária para esse feito.

Quartel em Leiria, 27 de Setembro de 1938.

O Comandante Int.º,
a) Jaime Tomás da Fonseca
Tenente Coronel

por as senhorinhas, Maria do Vale e Julieta Silva.

Foram leiloadas nos intervalos lindas prendas, subindo a grandes preços algumas.

O produto das festas reverteu em benefício da Associação de beneficência do Chinguar.

O programa foi cumprido a capricho, vendo-se a sala repleta.

Finda a récita, houve baile dançando-se animadamente até de manhã.

A. C. A.

Bêco, 20 de Setembro de 1938

No passado dia 18 realizou-se na igreja paroquial de Santo Aleixo do Bêco a tradicional festa de N.ª Sr.ª da Imaculada Conceição.

Cantou a Missa e prégoou o sermão o pároco da freguesia, Padre Anibal Henriques Coelho. Acolitaram os Reverendos Padres António D. Silva, de Pussos, e Vergílio M. dos Santos, da Igreja Nova. A seguir à missa, organizou-se a procissão que, seguindo o costume dos anos anteriores, percorreu a rua principal da localidade.

Incorporaram-se nela os irmãos da Confraria do S. S. sob a direcção do seu Digno juiz, sr. Manuel M. da Conha, e muitas crianças vestidas de anjo. Abrihantou a festa a Filarmónica do Carril. Foi-nhas. 2.º acto «As manas Pires», grande a concorrência de feis A igreja estava magificamente enfeitada e os altares muito bem preparados, devido à iniciativa dum grupo de meninas dedicadas e piedosas da freguesia. Os actos religiosos correram muito bem, mas esperamos que no próximo ano seja ainda melhor.

C.

AO DE LEVE

O crime dos ciganos **CARTEIRA** Depois, digam que é mentira

Deixámos o Cabço do Pião pouco depois das dezanove horas. O Chrysler foi descendo suavemente e o amigo de Figueiró ia absorvendo com gulosa sofreguidão a formosa paisagem, acariciada pelos beijos tépidos do sol dourado, que ensaiava mais uma separação.

—Estou gratíssimo à delicada gentileza que Você teve de me proporcionar ensejo de conhecer esta região, que em delicioso devaneio me transportou aos pontos mais pitorescos da Gasconha, disse o companheiro, que continuou: largo futuro terá esta zona com a exploração turística e os turistas por aqui encontrarão reais atractivos. Mas se a natureza não se descuidou em prodigalidades com esta região, não se esqueceu o destino também de criar responsabilidades à autarquia local.

O automóvel pára repentinamente e o companheiro pergunta:—Que prédio é este?

—E' o novo Hospital.

—Muito bem. Depois de concluído será obra digna desta vila. Mas os trabalhos estão suspensos?

—Sim, por falta de verba. Aguarda-se a oportunidade de um donativo ou qualquer providência que desconheço. Contava um conceituado e antigo negociante, membro do conselho Municipal, conseguir os recursos necessários para a conclusão, tendo-se para isto dirigido a pessoa natural desta região enriquecida na Africa Oriental e mal as demarches haviam sido iniciadas, recebeu-se a infausta notícia do seu falecimento.

—E' de lastimar. Faço votos pela conclusão de obra tão meritória.

Lançou a vista para a vila e disse:—Vêja, encantadora entrada poderia ter Figueiró, sensação agradável se receberia e com óptima disposição se entraria na vila se não fôra a falta de preocupação estética que representa o desalinamento das construções aí do lado direito, e do lado esquerdo esse longo e desgracioso muro e aquêles tóscos barracões lá ao fundo. Será possível não haja postura municipal que impessa a construção destes atestados de falta de gosto?

—Eu lhe digo, meu caro:—não sei se quando se fez tudo isto, seguramente há mais de quinze anos, havia lei Municipal que regulasse estas coisas, e tão pouco em dia ando com a administração local e com os dispositivos municipais que ignoro se actualmente há ou não postura que obrigue a planta prévia e à respectiva aprovação. Esta propriedade da esquerda pertence a um industrial que é também formado em direito e tenho-o na conta de pessoa de gosto. A construção do muro e dos barracões deve ter obedecido a influências alheias à sua vontade. Sendo, como é, suficientemente abastado, acredito que isto exista a título provi-ório.

—Supuz me ia dizer a título precário. Tendo má impressão com obras provisórias por ás vezes se eternisarem e neste caso, veja bem, será de lamentar. Meu velho pai teve um amigo que fôz juiz de direito nesta comarca, e dele conserva a oferta de um cartão postal ou fotografia em que esta entrada aparece com duas alas de roseiras.

—E' verdade. Eu mesmo me lembro disso; e nos meses de Maio e Junho o aspecto era pomposo e a tal ponto que se fazia desta estrada «footing» predilecto.

—Vamos. Conversaremos pelo caminho. Não há tempo a perder.

O automóvel foi devorando quilómetros enquanto eu sismava: este

Cerca das 6 horas da manhã do dia 20 do próximo passado mês de Setembro, acordou Figueiró ao som duns tiros que se dispararam no olival da Serradinha, propriedade do sr. José Augusto, desta vila, donde dista não mais de 300 metros.

Caso estranho neste meio, tudo ficou em sobressalto e, averiguando-se, ficou apurado o que segue:

Por aquela hora, pouco mais ou menos, chegaram ao sítio do Barreiro dois automóveis que conduziam 11 ciganos armados com armas cacaadeiras e cartucheiras à cinta.

Parados os automóveis junto da serralharia de Domingos Valeiras, os ditos ciganos encaminharam-se para a vila e à entrada da R. Dr. José Martinho Simões, destacaram-se dois do grupo que perguntaram a José Mendes Junior onde moravam uns ciganos que estavam nesta vila. Aquele senhor, parece que hesitante porque não sabia bem onde eles teriam pernoitado, disse-lhes que era numa casa num olival ali adiante e foi indicar-lha.

O grupo dos ciganos, em frente da casa, ocultando-se atrás das oliveiras que a rodeiam, começaram por disparar tiros às janelas e porta. O tiroteio foi de tal forma que Manuel Jardim que por favor dormia naquela casa, veio à janela, como para perguntar o que desejavam.

Nessa altura, presume-se, o pobre Jardim foi atingido no braço direito. Possivelmente ferido, visto a chave da porta estar ensanguentada, assim como todo o espaço de soalho que separa a cama da mesma porta, abriu esta, vindo de encontro aos ciganos que continuavam a disparar tiros.

A pouca distância da casa, o Jardim foi encontrado morto, pelas 9 horas, completamente nu, com ferimento no braço direito e o lado esquerdo do pescoço esfacelado, certamente por um tiro à queima-roupa.

As autoridades logo que tiveram conhecimento da ocorrência, tomaram as devidas providências.

O Jardim foi entregue às autoridades judiciais, nesse mesmo dia, sendo a autopsia feita no dia imediato.

Reconstituindo o crime está, porém, averiguado mais até esta data o seguinte.

Há pouco tempo fixou aqui residência, com sua família, o cigano Antonio Fernandes que, segundo nos informam, vinha fugido, devido a uma cena de pancadas que tivera em Torres Novas com um seu colega Manuel Botas.

Ora, sucede que este veio a Figueiró na quinta feira anterior ao crime e sendo encontrado na praça pelos filhos do cigano Fernandes, imediatamente foram chamar os pais, a fim de se desferrar da sova que levou.

O Fernandes munido de espingarda e os seus filhos, em número de oito e a mulher, dirigiram-se ao local indicado pelos filhos e encontrando-se com o Botas, tatearam-no.

A própria mulher do Fernandes lhe deu duas violentas bofetadas.

Barulho, alarido, intervenção das autoridades, mas o Botas, declarou que não desejava proceder contra os agressores. As contas ajustam-se qualquer dia, disse êle.

O Botas retirou na camionete com destino a Pombal, tendo declarado no caminho, que se trouxesse uma espingarda, matava-os a todos, mas no entanto, não perdiam com a demora. Assim foi. Na imediata terça feira o Botas e mais dez ciganos, fretaram 2 carros na praça de Santarém onde moravam, sendo guiados pelos motoristas Francisco Tavares Felgueiras e seu filho Francisco T. Felgueiras Junior e alta madrugada dirigiram-se a esta vila, chegando aqui cerca das cinco horas.

A' entra da vila, ainda de noite, perguntaram a José Mendes Junior que casualmente passava, se sabia onde moravam os ciganos, tendo-lhe este indivíduo indicado a casa do sr. José Augusto à Serradinha, pois julgava que os ciganos moravam lá.

Mas não, ali só aquartelavam as muars, porque o António Fernandes e família residem numa casa do sr. Manuel dos Reis Arinto, ao cimo da vila, atrás da Torre.

O grupo de ciganos, chefiado pelo Botas, à excepção de um que ficou de guarda aos automóveis, dirigiram-se ao local indicado.

Uma vez ali, começaram no ataque à casa, saindo vítima o pobre Jardim, que nada tinha com o grupo dos ciganos.

A fuzilaria foi enorme, pois as autoridades encontraram muitos cartuchos descarregados, e um carregado com zagalotes.

A porta de entrada e a janela estão cravadas de zagalotes, assim como toda a frente da casa.

Pela forma e disposição em que se encontravam os cartuchos, levamos a crêr que os ciganos se serviram das oliveiras que estão em frente da casa para se occultarem, certamente, receosos, que da casa lhes ripostassem.

Também é nossa convicção que os ciganos retiraram convencidos que tinham morto o colega rival, pois só assim se explica o tiro à queima-roupa que deram no lado esquerdo do Jardim, que lhe deu morte instantânea.

A confusão é natural, visto o ataque à casa, ter-se feito ainda de noite.

Como dissemos, as autoridades, imediatamente, mandaram telegramas para diferentes partes do país, pedindo a captura dos meliantes, mas até esta data, ainda nenhum foi preso.

Os motoristas assim que chegaram a Santarém, foram presos, assim como as mulhêres dos ciganos, que lá residiam.

Os motoristas declararam à policia que os ciganos ao fretar-lhes o carro lhes disseram que necessitavam do seu serviço, a fim de irem em perseguição dumas muars que lhe furtaram e que se dirigiam a Figueiró dos Vinhos.

No regresso abandonaram os carros na altura de Almeirim.

Até à hora em que escrevoems, nada mais se averiguou.

E isto parece-me de solução mais difícil do que mandar cair a pornografia escrita nas paredes da capela de Santo António dos Milagres.

Não será? Já começo a ter medo do companheiro do amigo de Figueiró. Ouvi-lo-ei e ao de leve irei contando o que êle viu com o seu olhar penetrante de censor.

Maurício

Depois de algum tempo de estada nesta vila, voltou para a Beira, Africa Oriental e acompanhado de sua Ex.^{ma} Esposa, o nosso amigo e assinante sr. Alfredo Coelho da Silva.

Agradecemos-lhes os seus cumprimentos de despedida e desejamos-lhes uma feliz viagem.

—Em casa de seu pai, no próximo lugar do Chavelho, encontra-se de visita o nosso assinante e amigo sr. Manuel Gomes da Costa, de Lisboa.

—Para a sua escola em Torres Vedras, safu ontem o nosso estimado colaborador Sr. José Rodrigues Dias.

—Para Lisboa, seguiram depois de algum tempo de estágio nas Bairradas, os nossos assinantes srs. Artur Paiva e José Simões, acompanhados de suas esposas e filhos.

—Na Redacção esteve o nosso assinante sr. Manuel Alves Casinhas, comerciante em Albernoa-Alentejo.

—Do Gerez e acompanhado de sua Ex.^{ma} Esposa já regressou a esta vila o nosso amigo sr. Gustavo Coelho Godet, comerciante nesta praça.

—Para o Cartaxo seguiu o nosso assinante sr. João Alves Pereira, comerciante naquela praça.

—De Vilas de Pedro para Santarém, onde tem os seus negócios, seguiu também o nosso assinante sr. Alfredo da Silva Carvalho.

Edital

Regimento de Artilharia Ligeira N.º 4 Convocação

São convocados para se apresentarem neste quartel, no dia 16 de Outubro de 1938, até às 21 horas, tôdas as praças deste Regimento que passaram a prontas de instrução no ano de 1935, devendo procurar nas administrações dos seus concelhos as requisições de transporte em caminho de ferro e as guias de marcha.

As praças convocadas devem fazer-se acompanhar das respectivas cadernetas militares e as que não efectuarem a sua apresentação no dia fixado serão consideradas desertoras.

Quartel em Leiria, 26 de Setembro de 1938.

O Comandante,
(a) Henrique Pereira do Valle Major

Vende-se motor 5 H. P. a petróleo, em estado novo. Quem pretender dirija-se ao sr. José Pedro dos Santos, Figueiró dos Vinhos.

Falecimento

No Singral Cimeiro, freguesia de Campêlo, faleceu no dia 11 do próximo passado mês de Setembro o nosso estimado assinante sr. João Lourenço, proprietário em Lisboa.

Deixa viúva a sr.^a D. Rosa de Jesus e era pai dos srs. José Lourenço, Alvaro Lourenço, Alfredo Lourenço, comerciantes em Lisboa e das sr.^{as} D. Maria de Jesus, D. Solidade de Jesus, D. Conceição de Jesus e D. Maria Rosa de Jesus.

O funeral, que se realizou no dia 12, foi muito concorrido, tendo o falecido deixado ali muitas saudades.

A tôdas as pessoas da família, apresenta «A Regeneração» o seu cartão de condolências.

O nosso revirinho — comunismo impotente para acção de maior vulto circunscreve, agora, toda a sua negregada actividade a espalhar boatos, algumas vezes inofensivos pela estupidez que revelam, mas sempre com um cunho acentuadamente demolidor, marcadamente satânico. Foi esta característica que ainda agora, a propósito da Guerra de Espanha foi mais uma vez posta em relêvo.

Perante as derrotas que dia a dia os nacionalistas infringem às hordas vermelhas o nosso revirinho — comunismo — oresolve inventar uma victoria da sua banda, do seu lado. E foi assim que fez constar *urbi et orbi* que os Exércitos do General Franco tinham sido completamente desbaratados nas margens do Ebro.

Desta maneira e com esta mentira, o revirinho — comunismo — alimenta o fôgo sagrado, mantem as hostes em permanente esperança. Desta feita, porém, o caso tinha ainda outra significação. Eles sabiam que a Rússia atacando, como atacou no Extremo Oriente, o Japão, ia tentar mais uma vez desencadear a guerra mundial. A guerra mundial é neste momento a única esperança de triunfo completo do bolchevismo, eles ainda crêm no triunfo completo do comunismo convem-lhes ir preparando ambiente, ir criando opinião para que quando o conflito mundial fôr um facto como eles esperam todos os dias, os povos estejam mais ou menos preparados para aceitar a maquiavélica catástrofe.

Fazer acreditar na derrota ou pelo menos em fortes reveses das tropas nacionalistas do Generalissimo Franco é, consequentemente, pôr em evidência o poderio comunista e preparar todo o mundo para aceitar o seu domínio facto a que não pode fugir-se, nem é possível evitar. Um dos processos será sempre o usado agora: inventar derrotas dos nacionalistas em Espanha.

Depois, mas só depois, a com o ar mais seráfico deste Mundo vem inevitável comentário: e perante êste desenrolar fatal dos acontecimentos, Salazar fez com que o nosso País tomasse partido contra os vermelhos espanhóis, manifestasse a sua simpatia pelos nacionalistas.

Seremos vítimas do inevitável: sofreremos duramente as consequências duras da victoria da Liberdade neste momento ofendida e servido com o maior «elan» pela Russia Comunista.

Evidentemente que todos nós sabemos onde eles querem chegar e que pretendem chegar e quais os fins que têm em vista. Um caso porém resulta eloquente e significativo: Com ela a Guerra de Espanha passaria a ser um episódio de secundária importância. Ora como não há manobra comunista no Mundo que não tenha sua repercussão entre o nosso revirinho-comunismo. Quando não podem fazer mais nada procuram, pelo menos fazer opinião.

Este caso é bem significativo. Cumprimos assim o seu dever de prestar solidariedade aos correligionários.

E os correligionários dos nossos homens do revirinho — comunismo, são, não tenham dúvidas, os bolchevistas. Ha, destes factos milhentas provas que se revelam através afirmações eloquentes, daquelas que não deixam dúvidas.

Vende-se qualquer quantidade mínimo preço, João Luiz Júnior Figueiró dos Vinhos, 5-2

Palha enfardada

Vende-se qualquer quantidade mínimo preço, João Luiz Júnior Figueiró dos Vinhos, 5-2

Vende-se qualquer quantidade mínimo preço, João Luiz Júnior Figueiró dos Vinhos, 5-2

Vende-se qualquer quantidade mínimo preço, João Luiz Júnior Figueiró dos Vinhos, 5-2

Vende-se qualquer quantidade mínimo preço, João Luiz Júnior Figueiró dos Vinhos, 5-2

Vende-se qualquer quantidade mínimo preço, João Luiz Júnior Figueiró dos Vinhos, 5-2

Vende-se qualquer quantidade mínimo preço, João Luiz Júnior Figueiró dos Vinhos, 5-2